

Editorial

Vicente Eduardo Ribeiro MARÇAL¹

As vozes, por vezes esquecidas e, porque não, até abandonadas à sua própria sorte, teimam em ecoar na e para a Floresta. Reverberam ao som dos tambores da pajelança e na luta incansável dos ribeirinhos por um lugar ao sol.

É a teimosia dos que sabem que estão alijados dos grandes centros urbanos, mas que insistem em ter seu próprio instrumento de representação para suas reflexões.

Reflexões estas que são includentes e que possui uma polifonia inconfundível, justamente porque na Floresta foi aberta uma Clareira, não aquela que derruba a Floresta no ímpeto ganancioso dos que só querem explorar as suas riquezas. Mas aquela que abre fronteiras pra compartilhar suas ideias.

É a aglutinação de pensadores e pensadoras que buscam compreender o fazer filosófico na peculiaridade que é a Floresta e nela encontram abrigo para exposição de seus pensamentos.

A Clareira que expoem o Ser filosófico-xamânico que habita seus entes e que influencia a todos e todas que estão direta ou indiretamente envolvidos consigo.

Como já dissemos em Editorial passado: “Não há a exclusividade de vozes na Floresta, pois na Floresta está aberta uma Clareira que abriga um número enorme, quiça infinito, de vozes de todas as tribos, raças, povos e tradições. Não importa a que tradição, povo ou raça pertença, mas sim a vontade de se fazer ouvir e, principalmente, de estar aberto a todos que anseiam trocar experiências, compreensões e reflexões”.

Nessa polifonia a diversidade é predominante. E que a leitura seja prazerosa e instrutiva.

Pois, assim, saberemos que nossos propósitos estão sendo alcançados.

Boa Leitura.

¹ Editor Responsável da Clareira – Revista de Filosofia da Região Amazônica